

INFÂNCIA, CINEMA E ADOÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME MATILDA

*Cleide Vitor Mussini Batista*¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2213-1496>

*Gilmara Lupion Moreno*²

 <https://orcid.org/0000-0002-4435-878X>

Resumo: Este artigo versa sobre a parentalidade adotiva apresentada nos filmes infantis, bem como o que podemos considerar sobre adoção a partir dessas obras fílmicas. Tem por objetivo refletir acerca da transição da criança da família biológica à família por adoção no filme *Matilda*. Além disso, busca apresentar a relação entre as crianças, os filmes infantis e a parentalidade adotiva, bem como analisar e discutir um caso de adoção por mãe solo no filme *Matilda* e se as experiências traumáticas vividas anteriormente, na família biológica, influenciam no padrão de comportamento da criança. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com base nos estudos realizados no Projeto de ensino “Crianças conectadas: um estudo sobre as tecnologias na infância”, e nas teorias da Psicologia, da Psicanálise e da Adoção. Os resultados mostram a importância do conhecimento sobre adoção, para que os adultos possam fazer as mediações necessárias durante e após a exibição dos filmes, a fim de auxiliar as crianças a compreenderem o real significado da adoção. Destacamos também a contribuição da Psicologia e da Psicanálise na melhor transição da criança, da família biológica à família por adoção.

Palavras-chave: Crianças; Filmes Infantis; Adoção; Psicanálise; Psicologia.



¹ Pós-Doutora em Psicologia pela USP e em Psicanálise pela UFPB. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: cler@uel.br

² Doutora em Educação pela USP. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). gilmara@hot.com

CHILDHOOD, CINEMA AND ADOPTION: AN ANALYSIS OF THE FILM MATILDA

Abstract: This paper is about the adoptive parenthood presented in children's films, as well as what we can consider about adoption from these film works. It aims to reflect on the child's transition from the biological family to the family through adoption in the film Matilda. In addition, it seeks to present the relationship between children, children's films, and adoptive parenting, as well as to analyze and discuss a case of adoption by a solo mother in the film Matilda and whether the traumatic experiences lived previously, in the biological family, influence the child's behavior pattern. This is a bibliographic research, based on the studies carried out in the teaching project "Connected Children: a study about technologies in childhood", and on the theories of Psychology, Psychoanalysis and Adoption. The results show the importance of knowledge about adoption, so that adults can make the necessary mediations during and after the screening of the films, in order to help children understand the real meaning of adoption. We also highlight the contribution of Psychology and Psychoanalysis in the best transition of the child, from the biological family to the family by adoption.

Keywords: Children; Children's Movies; Adoption; Psychoanalysis; Psychology.

INFANCIA, CINE Y ADOPCIÓN: ANÁLISIS DE LA PELÍCULA MATILDA

Resumen: Este artículo trata de la paternidad adoptiva presentada en las películas infantiles, así como de lo que podemos considerar sobre la adopción a partir de estas obras cinematográficas. Pretende reflexionar sobre la transición del niño de la familia biológica a la familia por adopción en la película Matilda. Además, pretende presentar la relación entre los niños, las películas infantiles y la paternidad adoptiva, así como analizar y discutir un caso de adopción por una madre soltera en la película Matilda y si las experiencias traumáticas vividas anteriormente, en la familia biológica, influyen en el patrón de comportamiento del niño. Se trata de una investigación bibliográfica, basada en los estudios realizados en el proyecto docente "Niños conectados: un estudio sobre las tecnologías en la infancia", y en las teorías de la Psicología, el Psicoanálisis y la Adopción. Los resultados muestran la importancia del conocimiento sobre la adopción, para que los adultos puedan hacer las mediaciones necesarias durante y después de la exhibición de las películas, con el fin de ayudar a los niños a comprender el significado real de la adopción. También destacamos la contribución de la Psicología y del Psicoanálisis en la mejor transición del niño, de la familia biológica a la familia por adopción.

Palabras clave: Niños; Películas Infantiles; Adopción; Psicoanálisis; Psicología.

Introdução

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos,
mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.”
(Eduardo Galeano)

Em uma busca rápida no Google ‘filmes de animação sobre adoção’, um catálogo rapidamente é gerado, nele apresentam-se 18 (dezoito) obras fílmicas, dentre elas: *Meu*

Malvado Favorito (2010), *A Família do Futuro* (2007), *Lilo e Stitch* (2002), *Minha vida de abobrinha* (2016), *A estranha vida de Timothy Green* (2012), *O pequeno Stuart Little 2* (2002), *Matilda* (1996).

Entretanto, sabemos que são muitos os filmes com o objetivo de conquistarem o público, trazendo em seus enredos o drama de uma criança abandonada ou órfã de pai e mãe, da vida num orfanato ou, então, das dores e alegrias do cotidiano de uma família constituída pela via da adoção. Diante da história de uma menina maltratada pelos pais biológicos e é adotada no final da trama, estamos falando de *Matilda* (1996), filme escolhido para refletirmos sobre infância, escola e parentalidade adotiva.

Como a indústria cinematográfica aborda a temática da adoção? Os filmes transmitem a cultura atual de adoção? Ou reforçam os mitos e os preconceitos? O que os filmes sobre parentalidade adotiva podem ensinar para as crianças? De que forma a escola e a família podem utilizar os filmes infantis para dialogar com as crianças sobre as funções materna e paterna, bem como sobre a parentalidade adotiva. Apesar de tantos questionamentos que surgem, elegemos como questão-problema: Quais as possíveis reflexões acerca da transição da criança da sua família biológica à família por adoção no filme *Matilda* (1996)?

Para que esses questionamentos possam ser respondidos, há necessidade de uma compreensão crítica do que seja a palavra *adoção*, a fim de pensarmos a maternidade e a paternidade para além do caráter biologizante. A palavra *adoção* é um conceito que vem do latim *adoption*, que significa escolher. Portanto, adoção é escolher exercer a maternidade e a paternidade de forma consciente e responsável, ou seja, a adoção gera laços de maternidade, de paternidade e de filiação entre as pessoas (Programa [...], 2016).

Os conceitos de maternidade e paternidade vêm do latim *mater* e *pater*, que significam aquele que acolhe, cuida e protege. Já filiação significa tornar-se filho ou filha. É importante entendermos também o conceito de genitor(a), cuja origem vem do latim *genitor* e *genitrix* e quer dizer “aqueles que geram” (Programa [...], 2016).

Desse modo, o presente artigo tem por objetivo geral: refletir acerca da transição da criança da sua família biológica à família por adoção apresentada no filme *Matilda* (1996). Quanto aos objetivos específicos, propomos: apresentar a relação entre as crianças, os filmes infantis e a parentalidade adotiva; analisar e discutir um caso de adoção por mãe solo apresentado no filme *Matilda* (1996) e se as experiências traumáticas vividas anteriormente, na família biológica, influenciam no padrão de comportamento da criança. Para tanto, optamos pela pesquisa bibliográfica, com base nos estudos realizados no Projeto de ensino “Crianças conectadas: um estudo sobre as tecnologias na infância”, e nas teorias da Psicologia, da Psicanálise e da Adoção.

No primeiro momento, refletimos sobre a relação entre a criança, o cinema, e o conteúdo adotivo apresentado nos filmes infantis. Então, analisamos, com base nas teorias referenciadas, as vivências de Matilda com os pais biológicos, bem como a sua relação com a professora, culminando na Adoção da pequena por aquela que acolheu, cuidou, protegeu e, juntas, criaram um laço entre mãe e filha.

As crianças, os filmes infantis e a parentalidade adotiva

Quem são as pessoas que constituem esse grupo geracional denominado infância? “Ser criança significa, antes de qualquer coisa, ser pessoa, ser gente que se alegra e se entristece, que chora e que sorri, que brinca, que fantasia, que se cansa e que se anima; um sujeito único, complexo e individual” (Moreno, 2008, p. 23). Quem são as nossas crianças?

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, as crianças são sujeitos históricos e de direitos que, “nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (Brasil, 2010, p. 12).

As crianças atualmente fazem parte da geração digital, convivem com a tecnologia desde a mais tenra idade. Há inclusive sessões de cinema para as mães (e pais) e seus bebês até os dezoito meses, como as organizadas pelo CineMaterna. O objetivo principal do CineMaterna é o resgate social da puérpera (mãe de um recém-

nascido) por meio da cultura, bem como a troca de experiências entre mulheres sobre a maternidade, a fim de difundir a cultura. Além disso, há também um cuidado voltado para os bebês, também inseridos nesse contexto cultural, como o controle do volume do som, a temperatura do ambiente, a promoção da segurança alimentar e nutricional dos pequenos (Cinematerna, [2023]).

Os filmes infantis são um convite para que as crianças por volta dos três ou quatro anos passem a frequentar as salas de cinemas acompanhadas de seus pais, mães ou responsáveis. Afinal, quem resiste à um passeio em família, incluindo um cineminha? Para tornar a sessão ainda mais especial, se o filme em cartaz é a *Pequena Sereia*, a fantasia da personagem entra em cena. Assim, é possível assistir ao filme ao lado de muitas outras “Pequenas Sereias”, entrando em ação o “faz-de-conta”.

Claro que as crianças pequenas exigem uma atenção especial, isto é, podem não permanecer por muito tempo concentradas na exibição do filme, e as idas ao banheiro também são comuns. Recomenda-se que os pequenos sejam previamente informados de que a sala ficará escura, a tela é bem grande, o som é alto e haverá outras pessoas que também irão assistir ao filme. Por isso, todos devem, na medida do possível, fazer silêncio para não atrapalhar o outro.

As “sessões de cinema” também acontecem na sala de casa, com muitas opções, dentre elas, as plataformas de compartilhamento de vídeos, os serviços on-line por assinatura de transmissão de vídeo, os filmes exibidos nos canais abertos de televisão e, até mesmo, os antigos DVDs. Respeitado o tempo de tela³ e a recomendação dos filmes para cada faixa etária, as obras fílmicas são uma boa opção, proporcionando às crianças, além do entretenimento, a aprendizagem de diversos conteúdos.

Mas, o que as crianças aprendem com os filmes infantis? “A criança aprende ao assistir filmes e desenhos, aprende com o meio que vive e na infância torna-se um momento em que ela está aberta para novas experiências, quer conhecer coisas e deve ter em seu meio condições para que isso seja possível” (Braz; Sarat; Montiel, 2018, p.

³ De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), crianças de até 2 anos não devem ter nenhum contato com telas; dos 2 aos 5 anos, até uma hora por dia; dos 6 aos 10 anos, entre uma e duas horas por dia; dos 11 aos 18 anos, entre duas e três horas por dia.

111). Logo, ao assistir a um filme, a criança pode aprender sobre a história de uma família, a geografia do lugar, as relações entre pais, mães e filhos, os valores etc.

Consideramos que, na relação entre a criança e a história contada por meio da arte cinematográfica, “[...] é possível situar a produção fílmica não apenas como manifestação do tornar-se humano, mas também como elemento fomentador desse processo” (Loureiro, 2008, p. 136). Desse modo, os filmes portam uma faceta educacional, ao contribuírem na formação de valores éticos, sobretudo quando retratam a dinâmica da vida em sociedade e “[...] se ocupam da transmissão e assimilação de sensibilidades e conhecimentos” (Loureiro, 2008, p. 137).

O cinema pode ser um instrumento facilitador na abordagem de diversos temas e conceitos com crianças e adolescentes. Com base nisso, por meio dessa ferramenta, a temática da adoção pode ser apresentada às crianças, numa linguagem que elas consigam compreender e pela qual consigam desenvolver uma cultura da adoção⁴.

Retomando a contribuição de Moura (Programa [...], 2016) acerca dos conceitos de adoção, maternidade e paternidade, compreendemos que pai e mãe são aqueles que exercem a função materna e paterna, que cuidam, acolhem, protegem, educam etc., o que pode acontecer ou não com aquele que gestou ou gerou a criança. Logo, adoção é uma forma de fazer-se pai, de paternar, de fazer-se mãe, de maternar, de tornar-se filho, diferente de gerar e gestar. Corroboramos com a ideia de que os filhos, inclusive os biológicos, precisam ser adotados pelos seus genitores, para que se tornem pais de fato, não apenas de nascimento.

Mas, o que é parentalidade adotiva? Segundo Schiavinato ([2017], p. 1), “o conceito parentalidade vem sendo utilizado para descrever o conjunto de atividades desempenhadas pelos adultos de referência da criança no seu papel de assegurar a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento pleno”. Ou seja, são adultos referência de uma criança aqueles que, independentemente de laços consanguíneos, convivem com ela no cotidiano e estabelecem vínculos afetivos, no caso da família constituída pela via da adoção, aqueles que exercem a função materna e paterna.

⁴ A expressão “cultura da adoção” trata-se da ideia, do conceito, da atual concepção de Adoção, ou seja, a prática de tornar-se afetiva e juridicamente filho por essa via de filiação, com os mesmos direitos e deveres dos filhos biológicos.

No entanto, é preciso que o adulto (pais, mães, professores etc.) tenha conhecimento sobre adoção, para que possa mediar as situações apresentadas nos filmes, como apontar os aspectos positivos e os negativos. Os filmes infantis podem contribuir com novos olhares frente à cultura da adoção, haja vista que o cinema possibilita a magia e o encantamento por meio de suas produções fílmicas. Entretanto, recomendamos sempre a supervisão e a mediação do adulto, pois alguns filmes podem apresentar aspectos negativos relacionados à adoção, capazes de reforçar mitos e preconceitos.

Tais aspectos podem ser evidenciados, por exemplo, no filme *Meu malvado Favorito* (2010), numa cena em que as meninas são devolvidas ao orfanato. No imaginário infantil, uma criança adotada pode acreditar que pode, a qualquer momento, ser devolvida, assim como um objeto que não nos atende mais. Outro aspecto comumente apresentado nas obras fílmicas que tratam sobre Adoção é o abandono, como a cena em que o pai adotivo de Po, em *Kung Fu Panda* (2008), o encontra numa cesta na porta do seu restaurante.

Nesse caso, é importante a mediação do adulto, esclarecendo ao pequeno telespectador que, na realidade, o abandono de crianças e animais é crime, e nem todas as crianças adotadas foram abandonadas à própria sorte em cestos e caixas. Cada uma tem uma história, muitas foram entregues para adoção, para que tivessem uma família que pudesse cuidar, educar, proteger.

Uma outra cena que chama atenção é a entrega do bebê pela mãe biológica, no caso Lewis, personagem principal do filme *A família do futuro* (2007). Importante dialogar sobre esse ato, muitas vezes visto de forma preconceituosa contra a mulher que, por diferentes motivos, entrega o seu bebê para adoção.

Acreditamos que há uma diferença entre “abandonar” e “entregar”. Além do mais, legalmente, abandonar é crime, entregar não. Por fim, debruçamo-nos mais demoradamente no filme *Matilda* (1996), uma menina de apenas seis anos que sofre maus tratos e abandono afetivo e intelectual de seus pais biológicos.

Contextualização do filme: Matilda

A produção cinematográfica *Matilda*, lançada em 1996, dirigida e narrada pelo ator Denny DeVito, originou-se do romance, publicado em 1988, onde Roald Dahl conta a história de Matilda, uma garotinha adorável e com uma inteligência surpreendente. Ela começou a falar perfeitamente com um ano e meio e, aos quatro anos de idade, já lia livros e tinha um vocabulário mais rico do que muitos adultos. Embora Matilda seja uma criança da qual os pais sentiriam muito orgulho, o Sr. e a Sra. Losna não se importavam ou não queriam se importar com a filha mais nova.

A família de Matilda possuía ótimas condições financeiras, mas de maneira não muito honesta. O pai é um desonesto revendedor que vende carros defeituosos a preços exorbitantes, já a mãe se importa mais com questões de beleza do que com a educação da filha. O irmão mais velho de Matilda, Michael, é apenas similar a seus pais. Apesar de terem tudo, em termos econômicos, Matilda não tinha a atenção e o amor dos pais. Com cinco anos e meio, seus pais a matricularam na escola, onde que ela encontra vários amigos, entre eles, uma muito especial e querida por Matilda, sua professora, a Srta. Mel. Ao contrário dos pais de Matilda, é a única que percebe o grande potencial da menina e acredita que, em pouco tempo, estará pronta para a faculdade. Com isso, a professora faria de tudo para ajudá-la a ter o futuro que "merece".

Contudo, a escola possui uma diretora muito rígida, a Sra. Taurino, uma diretora cruel e “valentona” que odeia todas as crianças e adora amedrontá-las. Menosprezada em casa e vendo a injustiça na escola, Matilda sente que deve tomar alguma atitude e enfrentar esse problema. A menina percebe, então, que possui “poderes especiais”, no caso a telecinese, e ela o usa para derrotar a terrível Sra. Taurino e ajudar tanto a Srta. Mel, como seus amigos.

Da família biológica a adoção

Nesta sessão, recortamos partes da história de Matilda, e tratamos da família biológica à adoção, a partir da análise de cenas do filme, com enfoque especial nas relações da personagem Matilda com os adultos da trama, alternando entre núcleo familiar (Harry e Zinnia Wormwood) e núcleo educacional (professora Mel). Assim,

observam-se as cenas de interação entre as personagens e entrelaça-se com o referencial teórico.

Senhor e Senhora Losna: pais biológicos de Matilda

A família Losna tinham um filho chamado Michael e uma filha chamada Matilda, e tratavam os filhos de forma desigual. Lidavam com Matilda, particularmente, como se ela fosse uma “casca de ferida”. Casca de ferida temos que aguentar por algum tempo, até chegar a hora de livrar-se e jogá-la fora. O Sr. e a Sra. Losna não viam a hora de livrar-se da filha e jogá-la longe, de preferência em outro Estado ou em algum lugar ainda mais distante (Dahl, 2010). Ou seja, os pais de Matilda eram totalmente alheios à filha

Figura 1 – Família de Matilda



Fonte: Matilda (1996).

Sempre muito preocupados com suas próprias coisas, esqueciam que Matilda era apenas uma criança e precisava de cuidados, carinho e afeto. Evidencia-se, no filme, esse sentimento de abandono sofrido pela personagem; ela possuía uma família, mas era como se não tivesse mais ninguém além de todos os livros que lia.

Neste núcleo familiar, Matilda é negligenciada pelos pais, que são indiferentes a ela. Na cena a seguir, é possível verificar a situação de abandono da Matilda pelos pais, já nas primeiras horas de sua vida.

Ao saírem do hospital após o nascimento da Matilda, Harry e Zinnia carregam o bebê conforto do bebê sem cuidado ou cautela com a recém-nascida, carregando-a com uma única mão e balançando-o para frente e para trás, Matilda é colocada no porta-malas do carro e seu irmão mais velho brinca com ela. Harry dirige o automóvel sem prudência, fazendo curvas bruscas e em alta velocidade. O descuido com o bebê é expresso com o movimento do bebê conforto, que está solto no porta-malas. Ao chegar em casa, Harry estaciona o carro. A mãe da menina é a primeira a descer do carro, depois o restante da família desce e vão em direção à casa, deixando Matilda no porta-malas do carro (Matilda, 1996).

Na cena descrita, com o esquecimento da menina no carro e, na narração feita pelo narrador de que

Quando Matilda tinha dois anos, todas as manhãs o irmão mais velho de Matilda ia para a escola, seu pai Harry ia revender carros usados por preços absurdos e sua mãe ia jogar Bingo, deixando a menina sozinha. Ao sair de casa, a mãe de Matilda diz para a menina que a sopa está no fogão e que ela deveria esquentar caso tivesse fome. (Matilda, 1996).

Por esses dois recortes, é possível verificar a situação de indiferença dos pais de Matilda, dando pouca ou nenhuma importância à menina e deixando-a sob sua própria responsabilidade em um período em que a criança ainda carece de cuidados. Essas e outras cenas evidenciam o quanto Matilda sofria de violências.

É sabido, pelo olhar da Psicologia, que são muitos os impactos, no desenvolvimento infantil, de crianças que convivem em uma realidade de violência psicológica. Para Papalia, Olds e Feldman (2006), crianças na primeira infância interagem com o mundo a partir de um equilíbrio entre confiança e desconfiança. E, quando a desconfiança se sobressai, as crianças pensam o mundo como um lugar hostil e imprevisível, desenvolvendo-se como mais inseguras e desinteressadas, além de terem dificuldades para estabelecer e manter relacionamentos interpessoais. Ainda, para Papalia, Olds e Feldman (2006), vítimas de intimidação podem tender a ser ansiosas e

submissas, tendo também baixa autoestima e podem, ainda, desenvolver problemas de comportamento.

Por outro lado, alguns estudos advindos de teóricos de uma Psicanálise contemporânea – não de toda Psicanálise – fazem acreditar que não podemos ser tão deterministas, ou seja, toda criança que sofre violência vai apresentar traumas, autoestima baixa, insegurança ou outros problemas de comportamentos. Mas, trazem que, diante do excesso que caracteriza o traumático, a criança precisa desempenhar precocemente algumas funções psíquicas, para diluir a intensidade pulsional.

Ou, ainda, a criança vai em busca de alguém que dê um sentido ao fato, que consiga traduzir a demanda de ordem psíquica da criança. Segundo Moraes e Macedo (2011), buscam recursos para que possa realizar um trabalho de ligação, bem como atribuir sentidos àquilo que lhe acomete internamente.

Dessa forma, exige-se da criança, antes de seu tempo, que utilize as funções da mente, como propõe Winnicott (1983, 2000), visando a antecipar as falhas e invasões ambientais. A mente passa a atuar como uma espécie de cuidador, o que se aproxima das proposições de Ferenczi (2011a, 2011b) a respeito da autoclivagem narcísica, em que a criança, diante de um evento traumático, desprende um fragmento de si para cuidado próprio.

Ambas as reações defensivas pensadas pelos psicanalistas expressam, embora em tempos diferentes do processo de constituição psíquica, a emergência do amadurecimento precoce e cindido, em decorrência do desencontro entre o universo infantil e o mundo adulto, bem como revela a fragilidade das relações primárias. Os estudos elucidam que a criança pode responder de uma outra forma, ou seja, um outro fazer frente às experiências de violências vividas, e que vem de encontro à saída encontrada por Matilda. Então, não há como prever totalmente como os traumas se refletem ao longo da vida de uma criança afetada.

Senhorita Honey: jovem professora

Jennifer Honey, professora de Matilda, era uma pessoa suave e tranquila, que nunca levantava a voz e raramente sorria, mas era adorada por todas as crianças que ficavam sob seus cuidados. Parecia compreender o assombro e o medo que, tantas vezes, invadiam as crianças pequenas que, pela primeira vez na vida, estavam reunidas numa sala de aula e obrigadas a obedecer ordens. Um calor humano quase palpável brilhava no rosto da Srta. Mel quando ela falava com algum aluno que acabava de chegar confuso e assustado (Dahl, 2010).

Srta. Honey (Mel) é quem enxerga o grande potencial em Matilda e, ao perceber a atitude de menosprezo por parte dos pais, ela decide ajudá-la no que for preciso. Srta. Mel se mostra, no filme, um pouco triste e inconformada com a morte prematura da mãe e a morte misteriosa do pai. Com relação à escola, é uma ótima professora, adorada por todos os alunos e os trata com muito amor e carinho, mas de uma maneira clandestina, já que a diretora da escola não permite demonstrações de afeto por parte dos professores.

Ao longo da história, podemos perceber a conexão entre Matilda e a professora. Pode-se dizer que houve uma amizade entre as duas personagens, sendo benéfica tanto para a Srta. Mel, que vivia muito solitária desde pequena e raramente sorria, quanto para Matilda, que também era muito solitária e ansiava por alguém com quem pudesse compartilhar suas descobertas.

Mãe solo por adoção

A afetividade é o conjunto de manifestações de estados de bem-estar ou mal-estar do indivíduo. Destacam-se as manifestações de bem-estar, especialmente nas cenas que demonstram o relacionamento da Srta. Mel com Matilda, em que podemos perceber um vínculo afetivo se formando entre elas. São cenas que demonstram o total oposto dos trechos em que se retrata a violência – seja física, psicológica ou de negligência.

Uma cena que consideramos bastante importante a ser retratada relaciona-se à afetividade:

Após as aulas, a professora Mel convida Matilda a ir à sua casa, e conversam pelo caminho. A professora conta sobre uma garota que teve de ser cuidada pela tia, que era a diretora Trunchbull; e que esta menina agora vive num belo chalé. Ao chegarem à frente do chalé da professora Mel, Matilda percebe que a professora falava sobre si mesma. Ela convida a menina a tomar chá com biscoitos. Enquanto o chá é preparado, ambas continuam conversando, em um tom de voz agradável. O chá com leite é servido pela srta. Mel. Durante a conversa, ela admite que não foge para longe da tia para não abandonar as crianças da escola, pois gosta dos alunos. Ambas trocam palavras de incentivo, dizendo uma à outra o quanto são corajosas. Na conversa, Matilda afirma que pensava que adultos não sentissem medo, ao que a professora responde que sentem tanto medo quanto as crianças (Matilda, 1996).

A cena, por si só, é uma demonstração metafórica de grande acolhimento. A professora Mel mostra-se sensível às falas da criança e, ainda, expressa emoções: uma troca de incentivos, demonstrando que ambas se apoiam. Isso sugere que o apoio de Matilda é importante, também, para a srta. Mel, bem como vemos que ambas estão trocando confidências e se acolhendo mutuamente, demonstrando que se sentem seguras juntas, como vemos na Figura 2.

Figura 2 – Chá com biscoitos



Fonte: Matilda (1996)

Outra cena, também relacionada ao tópico:

Matilda está tomando chá com a professora Mel, a antiga casa onde a diretora Trunchbull morava. Seus pais chegam de carro e querem que a menina se apresse para ir com eles. A professora, no entanto, diz que poderia levar Matilda para casa depois. A mãe de Matilda, Zinnia, então diz que eles vão se mudar, arrastando Matilda pelo braço. Matilda reluta dizendo não querer ir. O pai de Matilda, Harry, também

a pega pelo braço e a arrasta. Matilda então diz que quer ficar com a dona Mel. Sua mãe então diz que a professora não a quer, pois a menina é uma pestinha desobediente. A professora então diz que ama Matilda, e a menina pede para ela a adotar. Harry diz que não tem tempo para burocracia, então a menina diz que já tem os documentos, e rapidamente os pais, Harry e Zinnia conversam sobre a situação e, então, concordam em Matilda ser adotada pela professora. O pai de Matilda questiona se a professora não vai pedir uma pensão, ela diz que não. Os pais de Matilda vão embora, e Matilda pula no colo da Srta. Mel (Matilda, 1996).

No trecho retratado, a professora Honey demonstra interesse pelo que a menina lhe diz e acolhe, com carinho, na frente dos pais da menina. A professora se apresenta como um “porto seguro”, tornando-se a pessoa com quem Matilda deseja ficar. Tais expressões de afetividade advindas de Jennifer Honey demonstram um vínculo afetivo profundo com Matilda, mais do que da menina com os pais. Vemos na cena, por exemplo, que, ao passar a guarda de sua filha a Jennifer Honey, Zinnia atende a vontade da filha pela primeira vez, mostrando que nunca a entendeu.

Figura 3 – Adoção de Matilda



Fonte: Matilda (1996)

Em ambas as cenas, percebe-se que Jennifer Honey e Matilda estão tranquilas, enquanto se dirigem uma à outra: há carinho e receptividade, expressando afetividade com emoções ligadas ao bem-estar por estarem juntas.

Consideramos importante destacar que, no Brasil, a adoção não funciona desta maneira, sendo um final caricato. Ainda, na mesma cena, percebe-se que Harry se preocupa apenas com a parte financeira, não querendo ter deveres e responsabilidades com Matilda, a fim de evitar gastos.

Podemos dizer que, a partir da adoção, Matilda começaria, então, a ter suas necessidades supridas a partir da relação com Jennifer, estabelecendo, cada vez mais, um vínculo de confiança e um apego seguro. Além disso, ressignifica o vivido com seus pais biológicos.

Esperamos que a análise do filme *Matilda* possa contribuir com os adultos (pais, mães, professores etc.) para repensarmos a parentalidade, seja adotiva ou não. É o cinema mostrando que, assim como na realidade, a biologia, os laços de sangue, o DNA não garantem que o filho será adotado por aqueles que lhe concederam a vida. Considerando que *Matilda* é um filme recomendado para crianças acima de 10 anos, sugerimos a mediação do adulto, a fim de auxiliar a criança a compreender que os pais biológicos da Matilda agem de forma errônea, mostrando o que de fato é ser pai e mãe. No entanto, Matilda ganha uma nova família, uma oportunidade de ser realmente filha. Matilda é adotada!

Conclusão

Como dito no início deste artigo, são muitas as obras fílmicas que falam de adoção, algumas mais explícitas, outras indiretas. Quantas vezes, no desfecho de uma história narrada pelo cinema, deparamos com uma cena que revela a adoção do personagem. Acreditamos que os filmes são bons recursos para falar de adoção, assim como desmistificar todo e qualquer tipo de preconceito sobre ser pai, mãe e filho por esta via. Desse modo, recomendamos a supervisão, o acompanhamento e a mediação do adulto, no que diz respeito ao uso das telas na infância, pois sabemos que as crianças aprendem a partir do que veem, sentem, experienciam nessa fase da vida.

Com base no exposto, por meio da análise do filme *Matilda*, concluímos que o desenvolvimento infantil é influenciado por fatores de proteção ou de risco, que podem

ou não, como vimos nos apontamentos dos autores, prejudicar a criança em sua vida futura. Percebe-se, no filme, a afetividade demonstrada na relação entre a professora Mel e Matilda, pois Jennifer dá abertura à menina para ser ela mesma e demonstrar suas próprias emoções.

Ainda, constata-se que a menina Matilda desenvolve poderes sobre-humanos, como a telecinese, como uma forma de conseguir passar pelas dificuldades sem o auxílio dos adultos. E, também, como uma garota com alta capacidade intelectual, supriu o apoio que lhe faltou dos pais, por meio da leitura desde muito pequena.

Enfatizamos que uma criança que sofre com a negligência de seus responsáveis nem sempre tem meios para desenvolver-se plenamente sozinha. Ademais, torna-se necessário apontar que a empatia com a criança possibilita prestar atenção às suas demandas e comportamentos, de forma a compreender quando é necessário intervir e buscar auxílio.

Pensamos que o tema não se esgota, de maneira que interessa, em futuras pesquisas, tratar acerca de como a escola, para além da educação formal, pode se tornar um lugar de não apenas aprendizado de conteúdos, mas também de acolhimento à criança e proteção ao seu desenvolvimento. Esse aspecto é retratado no filme, mediante a relação entre professora Honey, Matilda e os demais alunos da escola.

Consideramos que ambas as reações psíquicas propostas por Winnicott e Ferenczi expressam, embora em tempos diferentes do processo de constituição psíquica, a emergência do amadurecimento precoce e cindido, em decorrência do desencontro entre o universo infantil e o mundo adulto.

Referências

A ESTRANHA vida de Timothy Green. Direção: Peter Hedges. Intérpretes: Cameron John Adams, Jennifer Anne Garner, Joel Edgerton. Roteiro: Peter Hedges. Califórnia: Walt Disney Studios, 2012. (1h45min).

A FAMÍLIA do futuro. Direção: Stephen J. Anderson. Intérpretes: Angela Bassett, Tom Selleck, Tom Kenny et. al. Roteiro: Daniel Gerson. Califórnia: Walt Disney Studios, 2007. (1h35min).

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 17 maio 2023.

BRAZ, Luana Tainah Alexandre; SARAT, Magda; MONTIEL, Larissa Wayhs Trein. O que vamos assistir hoje: cinema e animação na pré-escola. *Horizontes*, Dourados, v. 6, n. 11, p. 107–125, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/8116>. Acesso em: 19 maio 2023.

CINEMATERNA. A ONG que organiza sessões de cinema adaptadas para famílias com bebês de até 18 meses, seguidas de bate-papo. *Cinematerna*, Brasília, DF, [2023]. Disponível em: <https://www.cinematerna.org.br/>. Acesso em: 17 maio 2023.

DAHL, Roald. *Matilda*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERENCZI, Sándor. Análise de crianças com adultos. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. 4, p. 79-95.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. v. 4, p. 113-121.

KUNG fu panda. Direção: Mark Osborne, John Stevenson. Intérpretes: Jack Black, Dustin Hoffman, Angelina Jolie. Roteiro: Jonathan Aibel, Glenn Berger. Califórnia: DreamWorks Animation, 2008. (1h30min).

LILO e Stitch. Direção: Chris Sanders e Dean DeBlois. Intérpretes: Daveigh Chase, Chris Sanders, Tia Carrere et. al. Roteiro: Chris Sanders, Dean DeBlois. Califórnia: Walt Disney Studios, 2002. (1h25min).

LOUREIRO, Robson. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 135-154, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6691>. Acesso em: 17 maio 2023.

MATILDA. Direção: Danny DeVito. Intérpretes: Mara Wilson, Danny DeVito, Rhea Perlman. Roteiro: Nicholas Kazan, Robin Swicord. New Jersey: Jersey Films, 1996. (1h38min).

MEU MALVADO favorito. Direção: Pierre Coffin e Chris Renaud. Intérpretes: Leandro Hassum, Steve Carell, Marcius Melhem. Roteiro: Cinco Paul, Ken Daurio. Califórnia: Universal Studios, 2010. (1h35min).

MINHA vida de abobrinha. Direção: Claude Barras. Intérpretes: Gaspard Schlatter, Sixtine Murat, Paulin Jaccoud. Roteiro: Céline Sciamma. Paris: Rita Productions, 2017. (1h06min).

MORAES, Eurema Gallo de; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. *Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MORENO, G. L. Infâncias, memórias e culturas: as crianças no cinema, na literatura e nas artes plásticas. In: PASCHOAL, J. D; BATISTA, C. V. M; MORENO, G. L. (org.). *As crianças e suas infâncias o brincar em diferentes contextos*. Londrina: Humanidades, 2008. p. 23-40.

O PEQUENO Stuart Little 2. Direção: Rob Minkoff. Intérpretes: Geena Davis, Hugh Laurie, Jonathan Lipnicki, Brad Garrett, Dyllan Christopher. Roteiro: Bruce Joel Rubin, Douglas Wick. Califórnia: Sony Pictures Entertainment, 2002. (1h18min).

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PROGRAMA transversais – Guilherme Lima. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal: Temas Transversais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2aP5Don6Nt4>. Acesso em: 18 maio 2023.

SCHIAVINATO, Tatianny. Afinal o que é parentalidade?. *Adoção em pauta*, São Paulo, [2017]. Disponível em: <https://www.adocaoempauta.com.br/afinal-o-que-e-parentalidade/>. Acesso em: 19 maio 2023.

WINNICOTT, Donald. Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, Donald. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218-232.

WINNICOTT, Donald. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 38-54.

Recebido em: 16 de agosto de 2023
Aceite em: 04 de setembro de 2023